

**ABUSO DE DROGAS EM MEIO LABORAL:  
UMA PERSPECTIVA**



FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE

**ABUSO DE DROGAS EM MEIO LABORAL: A  
PERCEÇÃO DO PROBLEMA JUNTO DE EMPRESAS  
PORTUGUESAS DA REGIÃO NORTE**

## AUTORES:

JORGE NEGREIROS, Professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e Investigador do Centro de Ciências do Comportamento Desviante da mesma Universidade.

JOSÉ MARQUES, Professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e Investigador do Centro de Ciências do Comportamento Desviante da mesma Universidade.

## EQUIPA TÉCNICA:

ALEXANDRA OLIVEIRA  
CRISTINA PIMENTÃO  
INÊS GOMES  
JOAQUIM SILVA  
MAFALDA FERREIRA  
MANUELA MOURA  
MÁRCIA FARIA

MARIA DE FÁTIMA  
MARTA ALVES  
PAULA CRUZ  
RUI RAMOS  
SUSANA MAGALHÃES  
TERESA FEIJÓ

Alunos da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

---

Edição Limitada

### FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE

Casa da Companhia  
Rua das Flores, 69  
4000 Porto  
Tel.: 02/2082881/4  
Fax: 02/2082911

Quinta de Santa Marta  
1495 Algés  
Tel.: 01/4107439  
Fax: 01/4107909

---

Março de 1993

## ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO .....	1
2 - MÉTODO .....	5
2.1 - Amostra .....	5
2.2 - Procedimento .....	6
2.3 - Material .....	7
3 - RESULTADOS .....	9
3.1 - Incidência do uso de drogas .....	10
3.2 - Grau de preocupação .....	14
3.3 - Percepção dos grupos etários em maior risco .....	18
3.4 - Consequências associadas ao uso de drogas .....	19
3.5 - Medidas de prevenção .....	22
4 - DISCUSSÃO .....	25
5 - BIBLIOGRAFIA .....	29
6 - ANEXO .....	32

## 1. INTRODUÇÃO

Embora o abuso de álcool e drogas não constitua um problema recente nas empresas, é inegável que a extensão e contornos que o fenómeno assume no nosso país está longe de uma caracterização adequada. Com efeito, em Portugal, são praticamente inexistentes os estudos sobre uso de álcool e drogas em contextos empresariais. Apesar disso, o nosso país apresenta níveis de consumo de álcool *per capita* dos mais elevados da Europa (Hupkens et al, 1992).

Este dado, aliado à necessidade de desenvolver programas de intervenção, como já acontece, aliás, num número apreciável dos países industrializados do Ocidente ( Galan,1988; West,1984) sugere que os esforços a desenvolver nesta área se deverão centrar, numa primeira fase, na caracterização exaustiva deste fenómeno.

A importância desta questão não deve ser subestimada já que se calcula em cerca de 60 a 70% a percentagem de indivíduos que apresentam um problema de bebida e ocupam um emprego. Entre as consequências do abuso de álcool e outras drogas figuram o absentismo, diminuição da produtividade e qualidade do trabalho, problemas ao nível das relações laborais, acidentes de trabalho e diferentes níveis de incapacidade (O.M.S., 1985).

De notar que um número significativo dos estudos efectuados nesta área se tem centrado na caracterização dos problemas associados ao abuso de álcool em meio laboral bem como às consequências decorrentes desse consumo. Menos investigados têm sido os problemas provocados pelo consumo de outras substâncias psicoactivas, nomeadamente, o abuso de drogas ilícitas.

Um dos aspectos que tem sido examinado com algum detalhe refere-se à extensão dos problemas relacionados com o consumo de álcool em diferentes grupos profissionais. De acordo com esses estudos, as profissões que apresentam uma elevada proporção de bebedores problema incluem, entre outros, vendedores, médicos, pessoal das forças armadas e marinha bem como profissionais ligados ao ramo hoteleiro (Slattery et al, 1986; Whitehead & Simpkins, 1983).

Plant (1979) enunciou as seguintes razões pelas quais algumas profissões apresentam taxas mais elevadas de problemas relacionados com o álcool: a) acessibilidade do álcool no local de trabalho; b) pressão social para consumir bebidas alcoólicas no local de trabalho; c) ausência de relações sociais e sexuais normais; d) ausência de supervisão; e) níveis de rendimento muito elevados ou muito baixos; f) factores emocionais como o stress, a instabilidade profissional e elevados níveis de responsabilidade.

Para outros autores (e.g., Hitz, 1973), a existência de uma mais elevada proporção de problemas relacionados com o uso de álcool em determinadas profissões fica essencialmente a dever-se a padrões de trabalho irregular bem como a um recrutamento selectivo através do qual

os consumidores excessivos seriam atraídos para profissões em que as bebidas alcoólicas estariam mais acessíveis.

Outras investigações têm procurado identificar as principais consequências e custos originados por um consumo excessivo de álcool no funcionamento das empresas. Tais estimativas diferem, como é óbvio, quer em função das variáveis consideradas quer das metodologias utilizadas. No entanto, estudos efectuados nos E.U.A. e em França indicam, por exemplo, que o número de acidentes de trabalho entre os alcoólicos é duas a três vezes superior em relação aos outros trabalhadores (Goddard, 1981). Similarmente, uma investigação conduzida no Reino Unido demonstra que o número de dias de trabalho perdidos pelo trabalhador alcoólico chega a situar-se entre 75 a 85 por ano.

Na mesma direcção aponta um estudo efectuado por Hingson e colaboradores (1981) o qual verificou, numa amostra de 5.315 trabalhadores, que as categorias profissionais que consumiam álcool excessivamente incluíam essencialmente operários e que tal facto se ficava a dever ao elevado número de jovens que ocupavam essas posições.

Uma área que tem merecido uma atenção particular, refere-se à relação entre alcoolismo e a ocorrência de acidentes de trabalho. Os primeiros estudos efectuados para examinar esta questão (Godard, 1955; Observer e Maxwell, 1959, Metz e Marcoux, 1960), apontavam para a existência de uma clara relação embora estudos mais recentes tenham conduzido a resultados algo inconsistentes .

De facto, pelo menos dois desses estudos não encontraram qualquer tipo de relação entre os dois fenómenos ( Powell et al, 1971; Beaumont e Hyman, 1987), enquanto que outros encontraram relações positivas embora a magnitude dos efeitos varie consideravelmente de estudo para estudo (Alleyne et al, 1991; Buchanan, 1988; Baker et al, 1982).

A relação entre abuso de drogas, não incluindo o álcool, e trabalho tem sido examinada no quadro de actividades profissionais específicas: militares e polícia (Needleman & Romberg, 1989; Dietrich e Smith, 1986), profissionais de saúde (McAuliffe, 1984), empresários (Hanacher, 1988) e condutores de veículos pesados (Guinn, 1983). Tendo presentes as limitações já apontadas nesta área específica, parece, no entanto, poder concluir-se que os padrões de risco relativamente ao abuso de drogas são idênticos aos que se verificam em relação ao consumo de álcool.

Embora seja importante identificar profissões em alto risco bem como delinear características estruturais específicas de profissões que estão associados a actividades de alto risco relativamente ao desenvolvimento de problemas relacionados com o álcool e drogas, uma mais clara definição do modo como as entidades empregadoras percebem a incidência do problema bem como as suas consequências poderá fornecer indicações particularmente úteis tendo em vista elaboração de abordagens de prevenção em meio laboral.

A adopção de estratégias preventivas em contextos laborais poderá depender, justamente, da consciencialização para o problema revelada pelas entidades empregadoras das empresas. Inegavelmente, a aplicação

de programas de prevenção em meio laboral implica, antes de mais, o envolvimento e desejo de participação dos responsáveis pelas empresas sendo certo que tal envolvimento pressupõe uma sensibilidade para o problema e a consequente percepção da necessidade de nele intervir.

Em todas as empresas existem pessoas que, pelas suas funções profissionais ou sociais, se encontram numa posição de formular uma opinião avalizada sobre a existência e características dos problemas relacionados com o consumo de substâncias psicoactivas. No presente estudo, procurou-se, assim, recolher informações relativas ao modo como os responsáveis por diversas empresas, todas situadas na região Norte do país, percebem os problemas originados pelo abuso de álcool e outras drogas nas empresas. Paralelamente, analisou-se o grau em que a avaliação do problema pelos responsáveis das empresas estaria em função ou não da aplicação de estratégias de prevenção do abuso de drogas.

## **2. MÉTODO**

### **2.1 Amostra**

Tendo por base uma listagem das empresas situadas na Região Norte do país, procedeu-se a uma selecção aleatória de noventa e quatro empresas. O número médio de trabalhadores nas empresas que participaram no estudo é de 171 trabalhadores (D.P.= 350). O número médio de trabalhadores jovens, definidos neste estudo como abrangendo os

trabalhadores com idades compreendidas entre os 16 e os 28 anos, era de cerca de 12 nas pequenas empresas ( número médio do total de trabalhadores-26), 46 nas médias empresas (número médio do total de trabalhadores-180) e de 73 nas grandes empresas (total- 487).

Através de um contacto prévio, as empresas eram informadas acerca dos objectivos do estudo e solicitadas a participar. Das empresas inquiridas, 2.1% eram públicas, 95.7% pertenciam ao sector privado, havendo ainda cerca de 2% que foram incluídas em "outro tipo de empresas". No que diz respeito ao sector de actividade, 6.4% das empresas insere-se no sector primário, 75.5% no sector secundário e 17% no sector terciário. A maioria das empresas contactadas era de dimensão pequena (33%) ou média (53%); somente 13.8% das empresas podiam ser consideradas "grandes empresas".

## 2.2. Procedimento

O estudo foi descrito como visando recolher a opinião dos responsáveis pelos respectivos sectores de pessoal sobre um conjunto de questões relacionadas com o consumo de substâncias tóxicas em meio laboral, tendo-se assegurado o anonimato das respostas bem como a confidencialidade em relação aos dados obtidos. Nenhuma das empresas previamente contactadas recusou participar no estudo.

A recolha dos dados foi efectuada através do preenchimento de um questionário pelos responsáveis do sector de pessoal de cada empresa, durante o horário de trabalho. A aplicação dos questionários foi assegurada

por uma equipa de colaboradores a quem foi proporcionada uma formação prévia ao nível dos procedimentos de administração de questionários.

### 2.3. Material

O questionário está dividido nas seguintes seis áreas: a) características da empresa (dimensão, sector de actividade, número de trabalhadores e sua distribuição por grupos etários); b) extensão do problema; c) severidade do problema; d) grupos em risco; e) consequências/custos e; f) estratégias de prevenção. Para todas as variáveis dependentes e independentes, não foram antecipados quaisquer problemas ao nível da validade já que as questões não são socialmente sensíveis.

As questões destinadas a avaliar a extensão do problema consistem numa "escala", para cada tipo de substância psicoactiva (e.g., álcool, tabaco, medicamentos...), devendo o entrevistado indicar a percentagem de trabalhadores da empresa que, na sua opinião, pode ser incluída nas diversas categorias de consumidores (1=não consumidores; 2=consumidores ocasionais; 3=consumidores regulares; 4=consumidores excessivos; 5= dependentes).

Este procedimento apresenta a vantagem de permitir conhecer a percepção dos inquiridos acerca da distribuição do consumo de cada substância psicoactiva e da tendência central dessa distribuição. O cálculo dessa tendência corresponde à fórmula  $M = \sum x_i \times p_i$ , em que  $x_i$

corresponde ao valor da categoria  $i$  da escala de resposta e  $p_i$  corresponde à proporção inscrita nessa categoria (cf., Linville et. al., 1989; Marques et al., 1992).

A área relativa à severidade do problema, procura avaliar a percepção do responsável da empresa em relação ao grau em que as diferentes categorias de substâncias tóxicas são susceptíveis de constituir um motivo de preocupação. Deste modo, o entrevistado é solicitado a indicar, para cada tipo de droga e numa "escala" que varia entre 1 ("nada preocupante") e 7 ("muito preocupante"), o grau de "preocupação" relativo aos problemas associados ao uso/abuso dessas substâncias para a sua empresa.

Paralelamente, procura-se avaliar a percepção dos entrevistados sobre os grupos em risco mediante a indicação do grupo etário dos trabalhadores da respectiva empresa que se encontram numa situação de maior risco profissional relativamente ao desenvolvimento de problemas relacionados com o abuso de drogas.

As questões sobre as consequências/custos associados ao uso de drogas procuram avaliar a importância que o responsável pela empresa atribui ao consumo de drogas enquanto factor desencadeador de diferentes situações disfuncionais para a empresa (absentismo, diminuição do rendimento de trabalho, quebra do rendimento de trabalho, acidentes de trabalho, problemas ao nível das relações laborais, diferentes níveis de incapacidade). Deste modo, o entrevistado é solicitado a manifestar o grau em que considera que tais situações podem ser originadas pelo consumo de

substâncias psicoactivas, numa escala com sete pontuações ( de 1=nada importante a 7= muito importante).

Por último, a área designada "estratégias de prevenção" visa identificar eventuais acções de carácter preventivo que tenham sido aplicadas nas empresas. Assim, para além da indicação da execução ou não dessas acções, propõe-se, no caso da resposta ter sido afirmativa, uma breve descrição das actividades realizadas.

### 3. RESULTADOS

Na apresentação e análise dos resultados seguiremos a estrutura e sequência do questionário acima descrito. Assim, numa primeira fase, analisaremos os resultados referentes ao modo como os responsáveis pelas empresas inquiridas avaliam a extensão do uso/abuso de diferentes substâncias psicoactivas nas respectivas empresas.

No segundo ponto, centramo-nos na percepção dos responsáveis sobre o grau de preocupação suscitado pela utilização dos vários tipos de droga nas empresas. Do mesmo modo, examinamos aspectos relacionados com a percepção dos grupos etários que se encontram em maior risco profissional de desenvolver um problema originado pelo álcool e outras drogas.

Numa terceira fase, descrevemos as avaliações dos empregadores/responsáveis pelo pessoal no que se refere às consequências negativas atribuíveis ao abuso de drogas.

Finalmente, relacionamos os resultados relativos à eventual aplicação de estratégias de prevenção nas empresas com as variáveis "incidência do uso de drogas" e "consequências negativas".

### 3.1 Incidência do uso de drogas

No sentido de investigar a percepção dos gestores das empresas acerca substância considerada, pudemos, assim, determinar a percentagem de respostas tomando como critério o "estatuto" de consumidor (não consumidor, ocasional, regular, excessivo, dependente). No quadro 1. apresentamos os resultados obtidos.

Quadro 1.  
Percepção da incidência do consumo drogas nas empresas (em percentagem)

	Tabaco	Álcool	Marij./Haxixe	Medicamentos	Heroína/Cocaína
não consumidor	41.1	26.7	97.8	78.9	99.6
cons. ocasional	8.9	24.1	1.5	14.4	.3
cons.regular	34.0	43.5	.5	5.6	.03
cons. excessivo	8.5	3.4	.09	.5	.05
dependente	6.6	1.7	.07	.3	.02

Como se pode verificar, o consumo de drogas ilícitas é visto como praticamente inexistente nas empresas. De facto, as percentagens de respostas obtidas na categoria "não consumidor", atinge valores muito próximos dos 100%, quer se considere o consumo de marijuana/haxixe ou o consumo de drogas "duras", as quais são associadas, neste estudo, à heroína e cocaína.

Por outro lado, as percentagens obtidas para os outros tipos de droga (álcool, tabaco e medicamentos) revelam um padrão de respostas claramente distinto. Refira-se, por exemplo, que a categoria "consumidor regular" obtém 34% e 43.5% de respostas, respectivamente para o tabaco e o álcool. Em relação aos medicamentos, a percepção do consumo é nitidamente inferior à manifestada para o tabaco e o álcool, situando-se nos 14.7% para os consumidores ocasionais e nos 5.6% para os consumidores regulares.

Outro processo através do qual procuramos avaliar a percepção dos empregadores acerca da incidência do consumo de drogas nas empresas consistiu em calcular, para cada substância, uma "tendência central" de consumo (cf. ponto 2.3). Dado que as respostas se situam num continuum, representado por cinco posições (1-não consumidor até 5-dependente), esta medida permite, assim, comparar a frequência de consumo percebido para cada substância.

O quadro 2 mostra os resultados obtidos para a totalidade das empresas inquiridas. Como se pode observar, as médias obtidas para cada tipo de droga, corroboram, dum modo geral, os dados apresentados

anteriormente. Assim, o consumo de tabaco e de álcool destacam-se das restantes substâncias psicoactivas; para essas substâncias, os valores obtidos são bastante baixos, indicando que a percepção dos responsáveis das empresas contactadas vai no sentido de atribuir uma importância periférica à utilização de tais produtos pelos funcionários dessas empresas.

Quadro 2.  
Percepção do consumo de drogas nas empresas

	$\bar{X}$	D.P.
Álcool	2.30	.74
Tabaco	2.30	.67
Medicamentos	1.28	.42
Marijuana/Haxixe	1.03	.08
Heroína/cocaína	1.01	.02

Sendo certo que, como o demonstram alguns estudos (e.g. Hingson et al, 1981) os níveis mais elevados de consumo nas empresas estão relacionados com um predomínio de trabalhadores jovens, procuramos determinar se a percepção dos gestores inquiridos corrobora esta tendência.

Para tal, calculamos a proporção da população jovem no universo de cada empresa, dividindo o efectivo de jovens trabalhadores para cada empresa pelo total de trabalhadores dessa empresa. Definimos, em seguida, três grupos de empresas, através do cálculo dos tercis da distribuição da proporção de trabalhadores jovens, obtida pelo cálculo anterior,

respectivamente: a) grupo 1-empresas com fraca representatividade de trabalhadores jovens; b) grupo 2-empresas com uma representatividade moderada de trabalhadores jovens e; c) grupo 3-empresas com uma forte representatividade de trabalhadores jovens. Finalmente, comparamos a percepção da incidência de consumos em cada um dos três grupos de empresas (cf. Quadro 3).

Quadro 3.

Percepção da incidência do consumo de drogas em função da proporção de trabalhadores jovens

	Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3	
	$\bar{X}$	D.P.	$\bar{X}$	D.P.	$\bar{X}$	D.P.
Álcool	2.49	.67	2.40	.56	1.90	.66
Tabaco	2.57	.80	2.30	.56	2.01	.74
Medicamentos	1.21	.29	1.38	.49	1.26	.44
Marijuana/Haxixe	1.03	.07	1.04	.05	1.02	.04
Heroína/cocaína	1.00	.02	1.00	.02	1.00	.02

Como se pode verificar no quadro 3, a percepção dos responsáveis das empresas acerca da incidência do consumo de medicamentos, haxixe e heroína/cocaína não difere substancialmente em função da proporção de jovens existente nas respectivas empresas.

Dito de outra forma, o facto de se tratar de uma empresa com fraca, moderada ou elevada representatividade de trabalhadores jovens não parece influenciar os níveis de consumo percebidos das referidas

substâncias. Este facto não é surpreendente, dadas as médias extremamente baixas obtidas para o total da amostra (cf. Quadros 1 e 2).

Com efeito, a análise da variância dos resultados para os três grupos constituídos, não atinge valores estatisticamente significativos quer se considere a percepção da incidência do consumo de marijuana ( $F(2,93) < 1$ ), de medicamentos ( $F(2,93) = 1.37$ ;  $p = n.s.$ ) ou de heroína/cocaína ( $F(2,93) < 1$ ).

O mesmo já não se verifica, no entanto, em relação ao uso de álcool e de tabaco. Curiosamente, as empresas que apresentam uma elevada proporção de trabalhadores jovens (grupo 3) são as que atribuem aos seus trabalhadores consumos menos elevados de álcool e de tabaco, quando comparadas com as empresas cuja proporção de jovens é baixa (grupo 1) ou moderada (grupo 2).

A análise de variância dos resultados para os três grupos constituídos, indica resultados estatisticamente significativos para o álcool ( $F(2,93) = 5.79$ ;  $p < .01$ ) e para o tabaco ( $F(2,93) = 4.79$ ;  $p = .01$ ).

### 3.2. Grau de preocupação

Examinamos, nesta secção, o grau de preocupação manifestado pelos empregadores relativamente às consequências para a empresa resultantes do abuso das várias drogas.

Considerando os resultados médios das respostas, constatamos que o álcool figura no topo das preocupações dos gestores (cf. Quadro 4).

Inversamente, a categoria de substâncias que parece suscitar menos preocupação por parte dos responsáveis das empresas é os medicamentos. O consumo de tabaco, marijuana e heroína apresentam valores muito idênticos, situando-se o grau de preocupação relativo a estas substâncias numa posição intermédia, entre o abuso de álcool e o consumo de medicamentos.

Quadro 4.  
Grau de preocupação face ao uso de drogas

	$\bar{X}$	D.P.
Álcool	3.50	2.28
Tabaco	3.15	1.53
Medicamentos	2.76	1.94
Marijuana/Haxixe	3.16	2.69
Heroína/cocaína	3.18	2.85

Uma análise das médias obtidas para cada substância, revela diferenças estatisticamente significativas para o álcool e medicamentos ( $t=2.17$ ; g.l.= 93;  $p < .04$ ), tabaco e medicamentos ( $t=4.48$ ; g.l.=93;  $p < .001$ ), medicamentos e heroína/cocaína ( $t=-2.09$ ; g.l.=93;  $p < .04$ ).

A propósito desta questão, procuramos ainda analisar se as respostas variavam em função da maior ou menor representatividade de trabalhadores jovens nas empresas. Para o efeito, utilizamos de novo os três grupos anteriormente mencionados ( proporção fraca, moderada e elevada de trabalhadores jovens).

Quadro 5.  
Percepção da preocupação face ao consumo de drogas em função da proporção de trabalhadores jovens

	Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3	
	$\bar{X}$	D.P.	$\bar{X}$	D.P.	$\bar{X}$	D.P.
Álcool	3.29	.14	4.34	2.30	2.83	2.17
Tabaco	3.32	.57	3.28	1.25	2.83	1.73
Medicamentos	2.51	1.67	3.37	2.22	2.35	1.76
Marijuana/Hax.	2.45	2.35	3.90	2.87	3.09	2.68
Heroína/Coc.	2.51	2.54	3.84	3.01	3.16	2.89

Como se pode observar no Quadro 5, de forma consistente com os resultados anteriores, verifica-se uma nítida tendência no sentido de exprimir menor preocupação face ao uso de álcool e tabaco, quando a empresa apresenta uma elevada proporção de trabalhadores jovens.

Esta constatação é particularmente evidente quando se considera o grau de preocupação em relação ao abuso de álcool, registando o grupo com maior proporção de trabalhadores jovens a média mais baixa comparativamente com os restantes grupos.

O valor de F da análise da variância sobre as médias destes três grupos, efectuada com o intuito de determinar se esta diferença

realmente significativa, é de 3.85 a que corresponde uma significância estatística de  $p < .03$ .

Uma análise mais aprofundada destas médias, efectuada através do teste de Duncan, indica que grupo 1 ( menor percentagem de jovens) difere significativamente do grupo 2, sugerindo, deste modo, que é nas empresas com uma representatividade moderada e fraca de trabalhadores jovens que a preocupação em relação ao abuso dessa substância é mais forte; inversamente, nas empresas com elevada proporção de trabalhadores jovens a preocupação é menor.

Um padrão idêntico aos resultados obtidos acerca do álcool verifica-se em relação aos medicamentos. Embora as diferenças entre os grupos sejam apenas marginalmente significativas ( $F/2,93=2.62$ ;  $p < .08$ ), comprova-se, através do teste de Duncan, que o grupo 2 difere significativamente do grupo 1, sugerindo, assim, que a preocupação face ao consumo de marijuana é mais intensa nas empresas com uma representatividade moderada de trabalhadores jovens e mais fraca nas empresas com uma proporção elevada.

Examinando as médias obtidas relativamente à preocupação com o consumo de marijuana/haxixe verifica-se uma maior preocupação por parte dos empregadores cujas empresas apresentam uma proporção média ou elevada de jovens. Estas diferenças atingem um nível tangencial de significância estatística ( $F(2,93)=2.39$ ;  $p=.10$ ) mas o teste de Duncan, indica que o grupo 3 difere significativamente ( $p < .05$ ) do grupo 1.

Uma tendência inversa parece registrar-se no que se refere às drogas lícitas (álcool e tabaco) em que uma percepção de níveis mais elevados de consumo não só aparece associada às empresas com uma baixa proporção de trabalhadores jovens como é mais evidente a preocupação expressa relativamente às consequências para a empresa resultantes da utilização abusiva desses produtos.

### 3.3. Percepção dos grupos etários em maior risco

Outra dimensão das percepções dos empregadores acerca da preocupação associada ao uso de drogas, poderá delinear-se com base nas suas escolhas em relação ao que consideram ser o grupo etário em maior risco de desenvolver um problema originado pelo consumo dessas substâncias.

As respostas dadas a esta questão estão sumarizadas no quadro 6.

Quadro 6.  
Percepção do risco em função do grupo etário  
(em percentagem)

Idade	%
16-25 anos	41.5
25-35 anos	27.7
35-45 anos	12.8
acima dos 45 anos	11.7
não respondem	6.7

Como facilmente se constata, o grupo etário constituído pelos trabalhadores com idades compreendidas entre os 16-25 é o que é visto como estando numa situação de maior risco relativamente ao desenvolvimento de problemas relacionados com as drogas, logo seguido do grupo de trabalhadores com idades compreendidas entre os 25-35 anos.

Contrariamente, os trabalhadores pertencentes aos grupos etários mais velhos são claramente percebidos numa situação de menor risco relativamente a problemas associados com o consumo de álcool e outras drogas. Estas diferenças mostraram-se fortemente significativas ( $X^2=27.35$ ; g.l.=3;  $p<.0001$ ).

#### 3.4. Consequências associadas ao uso de drogas

Outra área analisada neste estudo diz respeito à percepção dos empregadores relativa às consequências negativas provocadas por um consumo excessivo de diferentes substâncias psicoactivas. Procurou-se, deste modo, determinar as situações/ consequências associadas ao uso de drogas susceptíveis de serem desencadeadas pelo abuso dessas substâncias.

Para a análise desta questão, adoptamos um procedimento idêntico ao que utilizamos na análise das questões anteriores. Assim, numa primeira fase, determinamos o grau de importância atribuído pelos inquiridos a cada uma das situações propostas; posteriormente,

examinámos em que medida esta avaliação é ou não afectada pela proporção de trabalhadores jovens nas empresas (ver Quadro 7).

No quadro 7, ordenamos as diferentes consequências propostas aos inquiridos, por ordem decrescente da importância que, em média, lhes foi, por eles atribuída.

Quadro 7.  
Percepção das consequências associadas ao álcool e drogas

	$\bar{X}$	D.P.
Diminuição do rendimento de trab.º	4.22	2.33
Quebra da qualidade de trab.º	4.21	2.40
Acidentes de trabalho	3.97	2.54
Absentismo	3.90	2.36
Diferentes níveis de incapacidade	3.87	2.38
Problemas nas relações laborais	3.64	2.36

Considerando o conjunto das médias obtidas para cada situação, constata-se que a diminuição do rendimento de trabalho emerge como a principal consequência percebida como susceptível de ser desencadeada pelo consumo de drogas. Imediatamente a seguir, surgem percepções que associam o abuso de drogas a uma quebra da qualidade de trabalho.

Curiosamente, o reconhecimento da existência de problemas nas relações laborais constitui, de entre todas, a consequência associada ao abuso de drogas menos valorizada pelos inquiridos. É de notar, igualmente,

a pouca importância atribuída pelas empresas à relação entre consumo de drogas e existência de diferentes níveis de incapacidade.

A análise das diferenças entre as médias obtidas entre pares de situações/consequências associadas ao álcool e outras drogas, efectuada através do teste T, indicou diferenças altamente significativas entre a diminuição do rendimento de trabalho e os problemas ao nível das relações laborais ( $t(2,93)=3.84;p<.001$ ) bem como entre a diminuição do rendimento de trabalho e diferentes níveis de incapacidade ( $t(2,93)=2.58;p<.01$ ).

Foram igualmente observadas diferenças significativas entre o absentismo e a diminuição do rendimento de trabalho ( $t(2,93)=-2.77;p<.01$ ) e o absentismo e a quebra da qualidade do trabalho ( $t(2,93)=-2.35;p=.02$ ).

Procedeu-se, de seguida, à análise desta questão tomando em consideração a proporção de trabalhadores jovens existente nas empresas inquiridas. Os resultados obtidos podem ser observados no quadro 8.

Quadro 8.  
Relação entre consequências do consumo de substâncias psicoactivas e distribuição etária nas empresas

	Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3	
	$\bar{X}$	D.P.	$\bar{X}$	D.P.	$\bar{X}$	D.P.
Diminuição do rendimento de trab.º	3.80	2.19	5.00	2.19	3.83	2.46
Quebra da qualidade de trab.º	3.77	2.23	4.93	2.28	3.90	2.57
Acidentes de trabalho	3.61	2.33	4.62	2.54	3.64	2.66
Absentismo	3.48	2.06	4.65	2.28	3.54	2.59
Diferentes níveis de incapacidade	3.35	2.05	4.43	2.45	3.80	2.65

Problemas nas relações laborais	3.35	2.05	4.25	2.48	3.29	2.46
---------------------------------	------	------	------	------	------	------

Conduzimos uma análise de variância dos resultados obtidos para cada situação em função dos três grupos de empresas constituídos, a que correspondem, respectivamente, empresas com uma proporção fraca, moderada e elevada de trabalhadores jovens. As médias obtidas para cada item nos três grupos de empresas figuram no quadro 8.

Como resultado mais saliente, sublinhe-se o facto de ser ao nível da diminuição do rendimento de trabalho que a representatividade dos trabalhadores jovens parece influenciar diferentemente as percepções dos gestores. Com efeito, esta preocupação é significativamente superior nas empresas que apresentam uma proporção moderada de trabalhadores jovens relativamente às empresa que têm uma proporção baixa de jovens, ficando as empresas com uma elevada proporção de trabalhadores jovens numa posição intermédia entre aqueles dois tipos de empresa ( $F(2,93)=2.79$ ;  $p=.07$ )

Relativamente ao absentismo ( $F(2,93)=2.55$ ;  $p=.10$ ) e quebra da qualidade de trabalho ( $F(2,93)=2.30$ ;  $p=.10$ ), verifica-se também uma tendência por parte das empresas que apresentam uma proporção moderada de trabalhadores jovens para manifestarem maior preocupação face aquelas consequências, comparativamente às empresas com uma preponderância elevada ou baixa de trabalhadores jovens.

### 3.5. Medidas de prevenção

Procedemos ainda a uma identificação das empresas que realizaram acções de prevenção na área do álcool e drogas, tendo-se posteriormente, examinado esta questão na sua relação com a proporção de trabalhadores jovens.

Do total de empresas inquiridas, cerca de 38% já tinham implementado diferentes acções destinadas a prevenir o abuso de álcool e drogas.

Como se pode observar no quadro 9, as acções preventivas concentram-se, em termos de preponderância etária, nas empresas com uma fraca e moderada proporção de trabalhadores jovens; ou seja, há uma relação negativa entre a realização de acções de

Quadro 9.  
Frequência das acções de prevenção nas empresas segundo a proporção de trabalhadores jovens

Acções preventivas	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Já realizou	16	13	7
Nunca realizou	15	19	24

prevenção e a preponderância de jovens na população trabalhadora das empresas inquiridas (Mantel-Haenzel test= 5.46;  $p < .02$ ).

Este resultado poderá indicar que, por não terem implementado acções de prevenção, as empresas com preponderância de jovens são as que têm maiores razões de preocupação.

É de salientar, no entanto, a aparente contradição entre este resultado e as percepções dos empregadores acerca dos grupos etários que se encontram em maior risco de desenvolver problemas relacionados com o abuso de drogas. Com efeito, à percepção segundo a qual é o grupo etário com idades compreendidas entre os 16 a 25 anos que está em maior risco de apresentar problemas relacionados com o consumo de drogas, corresponde uma mais baixa frequência de medidas preventivas nas empresas onde a proporção de trabalhadores jovens é mais elevada.

Procurámos determinar em que medida as percepções sobre a frequência de consumo das diferentes substâncias está relacionada com o desenvolvimento de acções de prevenção em meio laboral. Os resultados da análise de variância, revelam diferenças estatisticamente significativas unicamente em relação à percepção da incidência do consumo de tabaco ( $F(1,92)=2.71; p<.05$ ) e consumo de álcool ( $F(1,92)=1.81; p<.05$ ). Verifica-se, deste modo, a existência de uma relação significativa entre a percepção de níveis mais elevados de consumo de tabaco e álcool e a implementação de estratégias de prevenção.

Examinamos, por último, a relação entre a execução de medidas preventivas pelas empresas inquiridas e as consequências negativas atribuíveis ao abuso de drogas. Considerando as diversas situações propostas e de modo consistente com os resultados encontrados relativamente à percepção das consequências do consumo de substâncias psicoactivas, observa-se uma relação significativa unicamente entre a

consequência "diminuição do rendimento de trabalho" e as medidas de prevenção implementadas ( $F(1,92)=3.37;p=.06$ ).

#### 4. DISCUSSÃO

Procedeu-se, neste estudo, a uma análise das percepções de responsáveis por empresas nacionais acerca dos problemas relacionados com o consumo de substâncias psicoactivas em meio laboral.

As medidas destinadas a prevenir o abuso do álcool em meio laboral devem basear-se em objectivos claramente delineados e em estratégias coerentes. A eficácia destas medidas dependerá, não só de uma adequada avaliação da amplitude e natureza do problema em cada empresa em concreto, mas igualmente do grau de sensibilização dos seus responsáveis em relação à necessidade de desenvolver estratégias de intervenção nestes contextos.

O estudo, cujos resultados são aqui apresentados, poderá contribuir para uma reflexão sobre as linhas de actuação a adoptar nesta área, ao elucidar, particularmente, o modo como os gestores e responsáveis pelas empresas percebem o problema do consumo de substâncias tóxicas em meio laboral. Com efeito, o sucesso de um programa de prevenção do abuso de drogas na empresa depende, entre outros aspectos, do interesse que o projecto possa suscitar e do acordo que seja possível estabelecer entre os trabalhadores e a empresa.

Alguns dados deste estudo merecem, todavia, uma referência particular. Em primeiro lugar, a percepção dos gestores relativa à incidência e grau de preocupação associado ao consumo das chamadas drogas ilícitas nas empresas é praticamente nulo. Este resultado contrasta, pois, com algumas posições que têm sido veiculadas acerca desta problema segundo as quais o problema assumiria contornos graves e preocupantes nas empresas portuguesas.

Deverá, no entanto, sublinhar-se que o presente estudo se focalizou nas percepções sobre problema pelos responsáveis das empresas. Deste modo, poderá especular-se que, estando em avaliação a situação das próprias empresas nesta matéria, as respostas tenham minimizado a extensão e consequências associadas à utilização daquelas substâncias pelos respectivos trabalhadores.

Outro resultado curioso, prende-se com a relação entre a percepção da incidência dos consumos em função da proporção de trabalhadores jovens. Contrariamente ao esperado, as empresas com uma maior proporção de trabalhadores jovens não apresentam qualquer tendência para atribuir níveis mais elevados de consumo de drogas. Parece-nos evidente que serão estas as empresas a privilegiar em eventuais acções de prevenção futuras.

Pelo contrário, verifica-se mesmo uma tendência para perceber níveis mais elevados de consumo de álcool e tabaco nas empresas cuja proporção de trabalhadores é mais baixa. Apesar disto, os responsáveis pelas empresas inquiridas associam inequivocamente os grupos etários

jovens à população que se encontra em maior risco de desenvolver problemas relacionados com o consumo de drogas.

Dir-se-ia que uma tal discrepância poderá traduzir um hiato entre as imagens culturais do consumo de drogas e os dados obtidos através da experiência dos gestores sobre a utilização de substâncias psicoactivas nas respectivas empresas. Esta hipótese parece adquirir ainda maior consistência quando examinamos os resultados que relacionam a implementação de acções preventivas em função da proporção de trabalhadores jovens. De facto, tais acções são tanto menos frequentes quanto maior é representatividade de trabalhadores jovens.

Um dado interessante deste estudo refere-se às consequências laborais do abuso de drogas. A consequência mais valorizada diz respeito à diminuição do rendimento de trabalho, logo seguida da quebra da qualidade do trabalho. Isto significa que, de entre as diversas complicações para a empresa que o abuso de álcool e drogas pode originar, os responsáveis manifestam uma tendência para enfatizar as que se relacionam com uma produtividade reduzida ( em termos qualitativos e quantitativos).

Esta conclusão é ainda reforçada pelos resultados da análise da relação entre a aplicação de estratégias preventivas e as consequências laborais do consumo de drogas. Com efeito, a única relação estatisticamente significativa verificou-se entre a aplicação de estratégias de prevenção e a consequência laboral "diminuição do rendimento de trabalho".

Dir-se-ia, assim, com base nestes resultados, que um dos factores que poderá contribuir para a decisão das empresas efectuarem acções de prevenção nesta área prende-se com a convicção segundo a qual tais acções serão susceptíveis de promover uma maior produtividade.

Claramente, a ocorrência de problemas relacionais no ambiente de trabalho não constitui uma forte causa de preocupação para a maioria dos gestores inquiridos, pelo menos quando comparada com os riscos de eventuais reduções da produtividade. É de salientar, no entanto, aquele tipo de consequência poderá emergir claramente, não por ser pouco valorizada, mas sim por estar incluída no quadro sintomático da quebra de rendimento laboral.

### Bibliografía

Dietrich, J. & Smith, J. (1986). The nonmedical use of drugs including alcohol among police personnel: A critical literature review. *Journal of Police Science and Administration*, 14, 300-306.

Galan, F. (1988). Alcoholismo y empresa. In P.A. Soler Insa, F. Freixa e F. Reina Galan (Eds.), *Transtorno por dependencial del alcohol*. Delagrange: Barcelona.

Goddard, J. (1981). *Alcohol and occupation*. Londres: Croom Helm.

Guinn, B. (1983). Job satisfaction, counter-productive behavior and circumstantial drug use among long-distance truckers. *Journal of Psychoactive Drugs*, 15, 185-188.

Hingson, R., Margione, T. & Barret, j. (1981). Job characteristics and drinking practices in the Boston Metropolitan Area. *Journal of Studies on Alcohol*, 42, 725-738.

Hitz, D. (1973): Drunken sailors and others. *Journal of Studies on Alcohol*, 34, 496-505.

Hupkens, C., Knnibe, R. & Drop, M. (1992). Alcohol consumption in the European Community: Uniformity and diversity in national drinking patterns: *Comunicação apresentada no 18th Annual Alcohol Epidemiology Symposium*. Toronto: Canada.

Needleman, S. & Romberg, R. (1989). Comparison of drug abuse in different military occupations. *Journal of Forensic Sciences*, 34, 848-857.

McAuliffe, W. (1984). Psychoactive drug use by young and future physicians: *Journal of Health and Social Behavior*, 25, 612-616

Mench, B. & Kandel, D. (1988). Do job conditions influence the use of drugs? *Journal of Health and Social Behavior*, 29, 169-184.

Plant, M. A. (1979). Occupations and alcohol related problems. *British Journal of Alcohol and Alcoholism*, 14, 119-120.

Ray, J. (1972). Drug abuse in business: part of a larger problem. *Personnel*, 49, 15-21.

Roman, P. (1981). Job characteristics and the identification of deviant drinking. *Journal of Drug Issues*, 11, 357-363.

Volpe, J. A. (1984). Alcohol and public safety. In L. J. West (Ed.), *Alcoholism and related problems*. New Jersey: Prentice-Hall.

Withehead, P. & Simpkins, J. (1983). Occupational factors in alcoholism. In B. Kissin e H. Begleiter (Eds.), *The pathogenesis of alcoholism: Psychosocial factors*. New York: Plenum Publishing Corporation.

Este questionário destina-se a um estudo sobre o consumo de álcool e outras drogas nas empresas e é da responsabilidade da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

A eventual utilidade futura dos resultados deste estudo, depende do rigor e objectividade colocado na resposta às diferentes questões. Pedimos-lhe por isso, que responda dum modo objectivo e preciso às várias questões.

As respostas são rigorosamente confidenciais, restritas aos elementos ligados a este projecto de investigação. Aquando da divulgação dos resultados deste estudo, os dados serão apresentados globalmente.

1. Nome da empresa \_\_\_\_\_
  
2. Tipo de empresa: (Assinale com um (X) a resposta que interessar)
  - 2.1. Pública \_\_\_\_\_
  - 2.2. Privada \_\_\_\_\_
  - 2.3. Outra \_\_\_\_\_
  
3. Qual o principal sector de actividade a que se dedica esta empresa? Assinale com um (X) a resposta que interessar.
  - 3.1. Sector primário \_\_\_\_\_
  - 3.2. Sector secundário \_\_\_\_\_
  - 3.3. Sector terciário \_\_\_\_\_
  
4. Em qual das categorias seguintes se pode incluir esta empresa?
  - 4.1. Pequena empresa \_\_\_\_\_
  - 4.2. Média empresa \_\_\_\_\_
  - 4.3. Grande empresa \_\_\_\_\_

5. Indique o número actual de trabalhadores.

5.1. Sexo masculino \_\_\_\_\_

5.2. Sexo feminino \_\_\_\_\_

5.3. Total \_\_\_\_\_

6. Indique o número de trabalhadores com idades compreendidas entre os 16-28 \_\_\_\_\_

7. Caraterize os trabalhadores/funcionários desta empresa no que se refere ao consumo de diferentes tipos de substâncias. Na grelha de respostas que adiante se apresenta a sua tarefa consiste em avaliar as percentagens de trabalhadores/funcionários que podem ser incluídos em cada um dos cinco níveis dessa grelha. Por outras palavras, em 100 trabalhadores desta empresa, trata-se de indicar quantos estão incluídos em cada nível da grelha. Tomemos como exemplo o consumo de álcool. Qual a percentagem de trabalhadores desta empresa que podem ser considerados "*não consumidores*", "*consumidores ocasionais*", "*consumidores regulares*", "*consumidores excessivos*" e "*dependentes*".

**ATENÇÃO:** Não se esqueça que as grelhas são independentes umas das outras. As respostas que der a uma das grelhas não estão necessariamente relacionadas com as respostas que der às outras.

Inscreva as percentagens bem dentro de cada nível da grelha apresentada e não se esqueça de conferir se as percentagens atribuídas aos vários níveis perfazem 100%.

**Tabaco**

<input type="checkbox"/>				
Não consumo	ocasionalmente	regularmente	excessivamente	dependente

**Álcool**

<input type="checkbox"/>				
Não consumo	ocasionalmente	regularmente	excessivamente	dependente

**Marijuana/haxixe**

<input type="checkbox"/>				
Não consumo	ocasionalmente	regularmente	excessivamente	dependente

**Medicamentos (e. g. tranquilizantes)**

<input type="checkbox"/>				
Não consumo	ocasionalmente	regularmente	excessivamente	dependente

**Drogas "duras" (heroína, cocaína)**

<input type="checkbox"/>				
Não consumo	ocasionalmente	regularmente	excessivamente	dependente

8. Qual é a sua opinião em relação aos problemas associados ao consumo excessivo de cada um destes tipos de substâncias para a sua empresa? (inscreva uma cruz (x) na casa de cada escala que melhor reflecte a sua opinião).

**Consumo de álcool**

	1	2	3	4	5	6	7
nada preocupante							muito preocupante

**Consumo de tabaco**

	1	2	3	4	5	6	7
nada preocupante							muito preocupante

**Consumo de medicamentos (tranquilizantes)**

	1	2	3	4	5	6	7
nada preocupante							muito preocupante

**Consumo de marijuana/haxixe**

	1	2	3	4	5	6	7
nada preocupante							muito preocupante

**Consumo de drogas pesadas (heroína, cocaína)**

	1	2	3	4	5	6	7
nada preocupante							muito preocupante

9. Com base na sua experiência, indique o grupo etário que se encontra em maior risco profissional de apresentar problemas relacionados com o abuso de álcool e outras drogas.



## 10.5. Problemas ao nível das relações laborais

1	2	3	4	5	6	7

nada importante muito importante

## 10.6. Diferentes níveis de incapacidade

1	2	3	4	5	6	7

nada importante muito importante

11. Nesta empresa, foram implementadas medidas destinadas a prevenir o abuso de álcool e drogas nos seus funcionários?

11.1. Sim \_\_\_\_\_

11.2. Não \_\_\_\_\_

12. No caso de ter respondido afirmativamente à questão anterior, caracterize, sumariamente o tipo de medidas adoptadas

---

---

---

---

---

---

---

Obrigado pela sua colaboração